



A HISTÓRIA DO RÁDIO EM MINAS GERAIS

Nair Prata

Uni-BH -Centro Universitário de BH

INTRODUÇÃO

Nestes 80 anos do rádio no Brasil a radiodifusão em Minas Gerais completa 77 anos. Mas como contar esta história sem esquecer os fatos e as pessoas mais importantes deste período? Certamente é preciso escolher um viés e, neste texto, a opção é pela divisão da história do rádio mineiro em três marcos principais, com seus fatos, seus casos e suas personalidades mais importantes. O primeiro marco é a Rádio Inconfidência, a grande emissora de todos os tempos do Estado e que fez história com os programas de auditório, o culto aos ídolos, os cantores, as orquestras, as novelas, os programas de humor. O segundo marco é a Rádio Itatiaia, emissora que buscou uma nova linguagem e encontrou seu caminho no jornalismo, no esporte, na prestação de serviço. O terceiro marco é a Rádio Favela, emissora que funciona numa favela de Belo Horizonte com uma programação voltada para a comunidade local. Enfrentou a polícia, teve os transmissores lacrados, mas sobreviveu e hoje é uma emissora educativa e tornou-se até tema de filme. Vamos lá à história...

I - RÁDIO INCONFIDÊNCIA

1.1 HISTÓRIA E PERSONALIDADES

A emissora de rádio pioneira em Minas Gerais é a Rádio Sociedade de Juiz de Fora, fundada em 1º de janeiro de 1926. Em fevereiro de 1927 surge a Rádio Mineira, a primeira de Belo Horizonte. A transmissão experimental da Mineira foi em 1926 e o jornal impresso¹ anunciou assim:

¹ Jornal Minas Gerais, 26/02/1926, pág. 08.



SPH – Estação de rádio local irradiará hoje, às 19 horas e meia, o seguinte programa: Atos do Governo do Estado, notícias diversas de Minas, de outros Estados e da Capital da República; bolsa do café, do açúcar, do algodão e informações cambiais fornecidas pela Junta Corretora do Rio de Janeiro.

Em 10 de agosto de 1936 nasce a Rádio Guarani que, por mais de 20 anos, foi reconhecida como uma estação de serviços. Seu slogan era “a voz do povo” e foi considerada a maior do gênero no país. Siqueira (2001:109) lembra a programação da Guarani:

Uma das atrações favoritas do público era A Hora do Recruta, comandada por Rômulo Paes. A novidade estava na presença de um carrasco no palco para castigar os calouros que não cantassem ou se apresentassem bem. (...) Por meio desses programas, muitas revelações surgiram: não somente astros e estrelas da música, mas orquestras, conjuntos, grupos teatrais. Havia espaço para todos, bastava inscrever-se e participar. Também as histórias dramatizadas eram alvo de grande audiência. Histórias de vida, recheadas de alegria, problemas e sofrimento muitas vezes se transformaram em radioteatro, peças que eram dirigidas por F. Andrade e que contavam com a atuação dos principais astros e estrelas do rádio mineiro. Conversa de Telefone era apresentado por Maria Suely e fazia tanto sucesso como as telenovelas dos dias atuais.

A história da Rádio Inconfidência se confunde com a própria história do rádio em Minas Gerais. Emissora das mais tradicionais do Estado, fundada em 03 de setembro de 1936, a rádio já nasceu pública e com a vocação de unir a Capital ao interior. O governador Benedito Valadares dotou a nova emissora com o melhor equipamento técnico, importando de Londres todo o moderno material. No início, a Rádio Inconfidência era uma emissora de elite e faziam parte de sua programação atrações como Ópera da Semana, Discoteca da Boa Música e Concertos. A rádio funcionava num dos lugares mais elegantes de Belo Horizonte, a Feira Permanente de Amostras, local onde é hoje a Rodoviária da Capital. Um dos mais importantes locutores da Inconfidência, Roberto Duarte, relembra um episódio desta programação elitizada²:

Eu trabalhava no Rio de Janeiro, mas minha namorada morava em Belo Horizonte. Num final de semana em que eu vim visitá-la, peguei um táxi na hora de ir para a Rodoviária. Era um domingo, por volta das 11 horas da manhã. Entrei no táxi e no rádio estava tocando uma ópera. Estranhei aquilo. Pôxa, eu trabalhava na Rádio Tupi do Rio, emissora basicamente popular e achei estranho. Perguntei ao motorista do táxi: “Mas que estação é esta?” Ele falou: “Rádio Inconfidência!” E eu perguntei: “Você gosta de ópera?” O motorista respondeu: “Gosto, gosto muito. Não entendo nada, mas gosto muito.”

² Depoimento à autora, em 08/04/2003, especialmente para este trabalho.



A popularização da programação da Inconfidência veio com o sucesso da Rádio Nacional. Tudo o que a Rádio Nacional fazia, o Brasil inteiro copiava e com a Inconfidência não foi diferente. Esta opção pela popularização pode ter sido um dos caminhos encontrados pelo governador Juscelino Kubitschek que sonhava com a presidência da República e precisava de um veículo forte para chegar ao eleitor. Nos tempos áureos, o cast da Inconfidência chegou a reunir centenas de integrantes, segundo Dolabela (1993:02):

De locutores a radioatrizes, de cantores a redatores, os casts das emissoras estavam abastecidos de nomes suficientes para cobrir mais de 18 horas diárias de programação. Casts como o da Rádio Inconfidência, em seus tempos áureos, reuniu cerca de 500 integrantes; com 3 conjuntos – o melódico e 2 regionais; além de 4 orquestras fixas – a clássica, a de danças, a típica e a de cordas; tendo, de 1940 a 1960, 2.360 arranjos exclusivos escritos para seus intérpretes.

Um dos casos antológicos daquele período é lembrado por Élzio Costa³, que foi diretor da emissora:

Havia um programa na rádio apresentado pelo Levy Freire e patrocinado por um medicamento chamado Urodonal. O programa tinha a seguinte estrutura: uma pessoa da produção selecionava do catálogo um número de telefone e ligava para este número. O Levy, então, já com o telefone no ar, dizia: “Aqui fala Levy Freire, da Rádio Inconfidência. Olá! Como se sente? Rim doente?” Para ganhar o prêmio de 50 mil réis, a pessoa do outro lado tinha que responder: “Tomo Urodonal e vivo contente!” E o Levy anunciava: “Meus parabéns. Você acaba de ganhar 50 mil réis!” Certa vez, inadvertidamente, a produção do programa ligou para uma famosa casa de prostitutas de Belo Horizonte. Uma mulher atendeu e o Levy soltou o bordão: “Aqui fala Levy Freire, da Rádio Inconfidência. Olá! Como se sente? Rim doente?” A mulher retrucou: “Ô, Levy, você está sumido! Tem umas meninas novas aqui, lindas, lindas...” Levy ficou na maior saia justa e continuou: “Minha senhora, como se sente? Rim doente?” E a mulher prosseguia: “Que é isso, Levy? Você está me estranhando? Rim doente? O que é isso?” O Levy arrematou a conversa: “A senhora acaba de perder 50 mil réis!”

Naqueles tempos de programação inteiramente ao vivo, eram impossíveis os cortes de edição tão comuns hoje em dia. Assim, os erros de muitos repórteres passaram para a história. Ricardo Parreiras, jornalista que até hoje continua na Inconfidência, relata um episódio daquele tempo⁴:

Era a década de 50 e um incêndio consumiu a Casa Copacabana, em plena avenida Afonso Pena, coração de Belo Horizonte. O repórter da Inconfidência, falando ao vivo, entrevistou o coronel do Corpo de Bombeiros: “Coronel, quantas pessoas morreram?” O militar respondeu: “Meu filho, debelamos o incêndio e ninguém morreu!” E o repórter falou no ar: “Ô, mas que pena...”

³ Depoimento à autora, em 08/04/2003, especialmente para este trabalho.

⁴ Depoimento à autora, em 15/04/2003, especialmente para este trabalho.



O publicitário Hamilton Gangana relembra outro caso interessante daqueles tempos de coberturas ao vivo⁵:

Estava chegando a Belo Horizonte para jogar no Atlético, vindo de São Paulo, o famoso jogador Mamaú. A rádio escalou para a cobertura do grande evento o repórter Álvaro Celso da Trindade, conhecido como Babaró. Naquele tempo, o luxo era vir pela Central do Brasil e lá foi Babaró esperar Mamaú na estação. Falando ao vivo, Babaró anunciou: “Estamos ouvindo o ruído do trem... está se aproximando ... já apontou na curva... É o Mamaú que vai chegar...vai descer na gare da Central daqui a pouquinho.” Com a proximidade do trem, a empolgação do repórter foi só aumentando: “Está chegando o maior craque do Atlético Mineiro... está chegando o Mamaú minha gente... vamos procurar um lugar mais adequado para transmitir a chegada do Mamaú pisando o solo de Belo Horizonte.” De repente, a transmissão foi interrompida e os ouvintes da rádio ficaram sem entender o que havia acontecido. É que o repórter Babaró, na ânsia de melhor informar, atravessou a linha do trem. Quando o trem chegou, cortou o fio do seu microfone.

Um dos programas mais importantes da Rádio Inconfidência é, sem dúvida, A Hora do Fazendeiro. O programa nasceu cinco dias depois da fundação da emissora, no dia 08 de setembro de 1936 e permanece no ar até hoje, sem qualquer interrupção, sendo considerado o programa mais antigo do rádio brasileiro. A idéia foi de João Anatólio Lima, engenheiro agrônomo que defendia a criação de um programa que criasse um vínculo com o homem do campo. O programa sempre foi ao ar diariamente, às 18h, veiculando informações de interesse do meio rural. Ricardo Parreiras⁶ conta um detalhe interessante sobre os apresentadores da A Hora do Fazendeiro:

A direção da rádio sempre teve a preocupação de escolher apresentadores cultos e, nos primeiros tempos, formados em Direito, como Ulpiano Chaves, Francisco Lessa, Jacomino Tomazzi, entre outros. O candidato tinha que fazer teste de conhecimentos gerais, além de conhecer pelo menos uma língua estrangeira. O programa recebia milhares de cartas com todo tipo de consultas e as respostas prestavam um grande serviço ao homem do campo.

Hoje a emissora preocupa-se em manter um engenheiro agrônomo na coordenação técnica do programa que, atualmente, é apresentado por Geraldo Eustáquio e Tina Gonçalves.

No final da década de 50 a Inconfidência começou a sentir a concorrência da TV e de outras emissoras e anunciou mudanças em sua programação. Nem mesmo a criação, anos mais tarde, da Inconfidência FM, chamada também de Brasileiríssima, não foi capaz de trazer

⁵ Depoimento à autora, em 15/04/2003, especialmente para este trabalho.

⁶ Depoimento à autora, em 15/04/2003, especialmente para este trabalho.



de volta à emissora estatal o grande sucesso dos primeiros tempos e o brilho dos programas de auditório. Siqueira (2001:113) lembra que foi o locutor Aldair Pinto quem apagou as luzes dos auditórios em Belo Horizonte, deixando para trás as brincadeiras, as apresentações ao vivo de cantores e a realização de concursos. Aldair, aproveitando-se da popularidade obtida no rádio, foi vereador por 21 anos e enfrentou problemas até com a ditadura militar. O radialista explica:

Havia um coronel que apresentava um comentário diário na Inconfidência e, às vezes, o mesmo comentário era levado ao ar em vários horários. Eu brinquei com ele, sugerindo que mudasse o tema. Ele não gostou, inventou uma gravação de um telefonema falso que teria sido dado pela minha mulher, denunciando que eu estaria preparando 40 homens para matar o presidente. Só me soltaram quando o Médici, em uma visita a Belo Horizonte, interveio a meu favor. Me pediram desculpas, me colocaram em liberdade e mandaram o tal coronel para um quartel na Amazônia. (SIQUEIRA, 2001:114)

Aldair Pinto ganhou muitos prêmios e foi um ídolo da época. Ele conta:

Modéstia à parte, fui, durante muitos anos, o maior comunicador de Minas, o maior animador que Minas já teve. Eu tinha tanto cartaz em Belo Horizonte que não podia sair na rua. As mulheres me agarravam, eu conseguia encher auditórios. Ali onde é a Rodoviária, era a Feira de Amostras, havia o auditório da Inconfidência onde cabiam três mil pessoas, era preciso de polícia para controlar o público. O programa começava às 8 horas; às 6 horas já era preciso de polícia para evitar o tumulto. Eu levei milhares de pessoas durante anos aos auditórios da Guarani e da Inconfidência. Todas aquelas faixas que os cantores ganhavam, eu também ganhei. Eu era o mais bonito, o mais querido, o mais charmoso. Ganhei muitas medalhas também, só que não guardei nenhuma, não gosto de passado, vivo o dia de hoje. (PRATES, 1988: n°XVII, pág.11)

1.2 EPÍTETOS

Os epítetos fazem parte da história do rádio brasileiro e, em Minas Gerais, estes apelidos também deixaram marcas. Uma das características básicas do rádio é a sensorialidade⁷ e os ouvintes buscavam, usando a imaginação, encontrar estas marcas. Estes nomes eram criados para identificar o locutor, radioator ou cantor com as suas características mais especiais. No plano nacional, os epítetos mais conhecidos foram, entre outros: A Pequena Notável (Carmem Miranda); O Rei da Voz (Francisco Alves); O Cantor das Multidões (Francisco Alves); Sapoti (Ângela Maria); A Favorita da Marinha (Marlene); A

⁷ Conf. ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo: Summus, 1985.



Dama da Central (Araci de Almeida). Em Minas Gerais também foram muitos os epítetos: O Cantor das Noites Belorizontinas (Sílvio Aleixo); O Seresteiro Paulista que se Tornou Mineiro (Flávio de Alencar); O Mineiro que Canta como Portenho (Alaor Brasil); O Cantor das Vovozinhas (Vanderval Pires); O Cantor Gentleman da Rádio Inconfidência (Bob Red); A Guiomar Novais Mirim do Nosso Rádio (Lenir Inês Rodrigues Azevedo); A Voz Delicada do Rádio Mineiro (Julinha Sampaio); A Cantora Vitoriosa da Rádio Inconfidência (Carmen Silva); O Cavaquinho de Ouro (Waldir Silva); O Néelson Gonçalves de Caeté (Minguinho); O Cantor de Todos os Ritmos (Ricardo Parreiras); A Menor Cantora de Rádio do Mundo (Lourdes Braga).

1.3 REGRAS PARA SER UM BOM CANTOR DE RÁDIO

Em todo o país, fizeram grande sucesso os jornais e revistas que dedicavam algum tipo de cobertura aos bastidores do rádio. Em Minas Gerais, era também grande o interesse por notícias que envolvessem a vida e o trabalho dos cantores, locutores e atores do rádio. O jornal Folha de Minas publicou, em novembro de 1943, na coluna Rádio, Teatro e Música, as regras para ser um bom cantor de rádio:

Não imitar ninguém, porque quem imita não tem valor próprio; Escolher com desvelo um repertório musical variado; Interpretar a música com sentimento, mas sem afetação; Ter uma dicção correta e perfeita; Aceitar, com boa vontade, a opinião dos críticos; Corresponder às gentilezas e atenções dos fãs; Evitar cabotinismo que irrita os ouvintes; Ser pontual nos ensaios e demais trabalhos das emissoras em que atuam; Não descansar sobre os louros conquistados; Ser, sobretudo, modesto; Não se imiscuir nas briguinhas de seus colegas de cast; Ser amigo dedicado e sincero de seus colegas de cast e nunca difamá-los por despeito ou mesmo por qualquer outro motivo.

II – RÁDIO ITATIAIA

2.1 HISTÓRIA E PERSONALIDADES

A Rádio Itatiaia constitui um marco na história da radiofonia em Minas Gerais por encontrar um caminho novo, deixando de lado os velhos conceitos de programação. O grande responsável por tudo isso foi Januário Carneiro, um dos nomes mais importantes do rádio



mineiro. Fundador da Rádio Itatiaia, transformou a pequena emissora numa estação que figura hoje entre os maiores faturamentos da mídia nacional.

O jornalista Januário Carneiro nasceu em Patrocínio do Muriaé, Minas Gerais, em 1928 e morreu em Belo Horizonte, em 1994. A família mudou-se para a Capital no final da década de 30. Na adolescência, Januário teve a sua primeira experiência radiofônica. No fundo do quintal de casa, debaixo das bananeiras, criou a Rádio Júpiter, estação que alcançava cinco quarteirões no bairro da Serra. O irmão pequeno, Emanuel, corria pela vizinhança para avisar quando a rádio entrava no ar. A programação ia das músicas dos discos de 78 rotações à voz da outra irmã, Ester, que cantava músicas da época.

Depois da brincadeira da Rádio Júpiter, Januário descobriu a imprensa de verdade. Começou a trabalhar no jornal O Diário, como repórter esportivo. Mas foi com seus boletins para a Rádio Continental do Rio que Januário começou a arquitetar o sonho de ter uma emissora própria, fugindo dos padrões tradicionais de programação.

A Rádio Itatiaia nasceu, na realidade, em Nova Lima, cidade a 30 quilômetros de Belo Horizonte. Uma pequena emissora estava à venda e Januário reuniu seus poucos recursos com os de alguns amigos e efetuou a compra. Em 1951, no Hotel Ouro, a estação nasceu com 100 watts, a menor potência permitida por lei, mas muito baixa para quem quisesse conquistar algum ouvinte. Além disso, a frequência era a pior possível: 1580 khz, no finalzinho do dial. Hoje, 52 anos depois das primeiras transmissões experimentais, a emissora opera com 100 KW, com cobertura num raio de 200 quilômetros. A programação da emissora é também transmitida em tempo real pela Internet, pelo site: <http://www.itatiaia.com.br>.

A partir de 1952, quando a Itatiaia conseguiu autorização para operar em Belo Horizonte, disputavam o mercado da capital três grandes estações: Inconfidência (de propriedade do governo de Minas Gerais), Guarani e Mineira (ambas pertencentes aos Diários e Emissoras Associados). As três trabalhavam da mesma forma com elenco de atores, grandes orquestras, programas de auditório. Sobre a Itatiaia, a população de Belo Horizonte comentava: “É uma emissora que fala para o centro e cochicha para os bairros” fazendo uma crítica à má qualidade do som e à falta de potência das transmissões.



Januário Carneiro pretendia implantar na Itatiaia um esquema diferente do que se conhecia até então a respeito de programação de rádio. A Rádio Continental do Rio já trilhava este novo caminho de identificação com o esporte e a Itatiaia tentava repetir a mesma fórmula, atraindo principalmente os apaixonados pelo futebol.

Em setembro de 52, um fato marcou a história da radiofonia em Belo Horizonte. Foram realizados na capital os Jogos Olímpicos Universitários e as três principais emissoras de rádio de Belo Horizonte manifestaram pouco interesse pela cobertura das competições. A Itatiaia cobriu todos os jogos, contando com uma equipe sem experiência, sem carros, sem linhas de som e com apenas um telefone. Foi uma demonstração de força de um novo modelo de rádio que surgia, contrariando todos os princípios básicos que norteavam as transmissões radiofônicas até então.

Junto com as coberturas esportivas, a Rádio Itatiaia investiu no jornalismo. A primeira grande reportagem foi o acompanhamento de todos os lances envolvendo o chamado Crime do Parque Municipal, que atraiu as atenções e as curiosidades da sociedade belorizontina do início da década de 50. As três grandes emissoras da cidade não mudaram as suas programações por causa do noticiário envolvendo o crime e o julgamento do principal acusado. Mas, como era grande o interesse popular pelo assunto, a Itatiaia instalou um posto de transmissão no auditório do Fórum Lafayette, onde aconteceu a sessão para julgamento do assassino. A transmissão foi feita ininterruptamente durante 42 horas, com a dublagem, ao vivo, de todos os debates do júri. Tudo que acontecia no tribunal era retransmitido pela rádio. Esta cobertura, em 1954, marcou a história da Itatiaia e o momento em que as outras emissoras começaram a prestar atenção na concorrente que surgia. Januário Carneiro definia assim o rádio:

O rádio tem que ser amado, apaixonadamente, pelos que o realizam. Sem isso, nada feito. Os que são verdadeiramente do rádio estão dispostos a todas as lutas, a todos os sacrifícios, aceitando com naturalidade as frustrações, os desafios. Esse trabalho fascinante oferece muita compensação, mas exige suor todos os dias, pois o rádio nos coloca dentro das casas, na intimidade dos lares. Pode ser até que o rádio não encha os bolsos, mas é rigorosamente certo que enche os corações. Só quem está no rádio sabe como isso é verdade. (PINTO JÚNIOR e SALLES, 1993:05)



Até o início da década de 60, a Itatiaia baseou sua programação sobre dois pilares: esporte e jornalismo, a partir de grandes coberturas locais e internacionais. No final de 1960, a emissora decidiu ampliar sua programação, com a criação de quadros musicais voltados para o ouvinte que não tinha tanto interesse pelo noticiário e pelo futebol. Na década de 70, a Rádio Itatiaia já estava consolidada como emissora importante no cenário radiofônico mineiro, mas só no final da década de 80 conseguiu chegar ao primeiro lugar de audiência.

Muitos episódios da vida e do trabalho de Januário Carneiro merecem ser contados, mas vamos destacar apenas um, que inclusive é título de um livro, *Habla, Señor*⁸. Em 1959 a Rádio Itatiaia preparava-se para realizar com exclusividade a primeira transmissão internacional do rádio mineiro. Uma pequena equipe viajou para a Argentina, para cobrir a abertura do Campeonato Sul-Americano de Futebol, jogo entre Brasil e Peru. Nos estúdios da Itatiaia, em Belo Horizonte, era grande a expectativa com a transmissão, que todos sabiam ser histórica. Para abrir solenemente a cobertura, Januário encheu o peito e falou ao microfone:

Senhores ouvintes, boa noite. Este boa noite significa o grito de independência do rádio mineiro. Depois de quase 35 anos de existência, o rádio de Minas faz hoje a sua primeira transmissão própria de caráter internacional. Estamos falando de Buenos Aires, de onde vamos transmitir o jogo de abertura do Campeonato sul-americano de Futebol, entre Brasil e Peru. (CARVALHO e MARTINS, 1992:09)

Januário fez uma pausa e, antes de continuar, ouviu a voz da telefonista: “Habla, señor. Por que no hablas, señor?” Sem entender nada, Januário repetiu sua abertura, que escrevera com tanto carinho. O pessoal da equipe se assustou quando o chefe começou tudo de novo. E a telefonista continuava: “Por que no hablas, señor? Por que no hablas, señor?” Nos estúdios, em Belo Horizonte, o locutor de plantão aguardava a voz de Januário, sem imaginar o que estava acontecendo. Januário gritou para a telefonista que estava “hablando”, mas nada acontecia. O tempo foi passando, as equipes começaram a se aquecer no gramado e a transmissão não se concretizava. “Será que tantas semanas de trabalho serão perdidas? Será que o sonho cairá por terra?”, pensava Januário. Por fim, descobriu-se o problema: Januário

⁸ CARVALHO, André e MARTINS, Kao. *Habla, Señor. Um homem chamado Januário*. Belo Horizonte: Armazém de Idéias, 1992.



não conseguia “hablar” porque não havia ligado o microfone. Ligado o botão, foi feita, enfim, a primeira transmissão internacional própria do rádio mineiro.

Hoje a Rádio Itatiaia possui números importantes para qualquer veículo de mídia: tem, no geral, 80% de fidelidade dos seus ouvintes; 69,9% dos ouvintes de AM estão ligados na Itatiaia; detém o 1º lugar de audiência na classe A e B; tem uma audiência de 94,5% nas transmissões esportivas; a cobertura da Itatiaia atinge 85% das cidades mineiras; possui um faturamento maior do que a TV Globo local, fato único no Brasil; a Rede Itasat, com 50 cidades-pólo, cobre 731 municípios mineiros.

Nas duas últimas décadas, a direção da Rede Itatiaia tem trabalhado no sentido de conseguir a liderança e se firmar na audiência em dois tipos de emissoras: Rádio Itatiaia, com transmissão em AM e FM e a Rádio Extra, com foco num público popular. Além destas emissoras, a rede possui também um canal de TV a cabo, que retransmite a programação da TV Gazeta. A Rádio Itatiaia continua sendo hoje uma empresa particular, sem ligação com grupos religiosos ou políticos, de administração tipicamente familiar, sendo gerenciada pelo irmão do fundador, jornalista Emanuel Carneiro.

Januário Carneiro disse, certa vez, num discurso:

Tinha acontecido, finalmente, o milagre da fé e do trabalho. Seguramente erramos muitas vezes, mas sabemos também que nunca tivemos o propósito. Fixamos a imagem de estação séria e de negócio honesto. Pessoalmente, contudo, o progresso e o êxito não significaram tanto como a paga maior, a felicidade de saber que podia olhar tranqüilamente para o longo e penoso caminho percorrido e encontrar-me, a mim mesmo, no começo da história, prometendo, no discurso da inauguração da Itatiaia: Nós venderemos espaço, não venderemos opinião.⁹

2.2 JOSÉ LINO SOUZA BARROS

José Lino é um dos grandes nomes do rádio em Minas Gerais. Começou em 1954 e ainda hoje comanda, na Rádio Itatiaia, o programa líder de audiência, o Rádio Vivo. Iniciou sua carreira por acaso, ao visitar a Itatiaia e ser convidado por Januário Carneiro para fazer o

⁹ Este texto foi retirado, pela autora, de um artigo assinado por Januário Carneiro e encontrado dentro de um encarte de recortes de jornais sobre a história da Rádio Itatiaia.



plantão esportivo, já que o funcionário responsável havia faltado naquele dia. Trabalhou também na Inconfidência, na Rádio Globo do Rio de Janeiro e nas TVs Itacolomi e Bandeirantes. Foi vereador por 10 anos em Belo Horizonte. Viveu muitas histórias e uma delas é contada por Élzio Costa¹⁰:

Eu era o diretor da Rádio Inconfidência e o José Lino fazia a locução do último noticiário da noite. Comecei a reparar que o Lino estava correndo muito na leitura dos textos. Às vezes, estava quase voando na locução. Um dia, chamei a atenção dele e ele me respondeu: “É que o meu último ônibus sai às 11 e meia. Se eu ler devagar, não dá tempo de pegar o ônibus.”

Mas um episódio vivido por José Lino está presente em todas as coletâneas dos grandes casos da história do rádio mineiro. Era o ano de 1958 e a Rádio Itatiaia tentava, de todas as formas, conquistar a audiência de um público que estava acostumado aos programas de auditório, às grandes orquestras e às novelas. A novidade da Itatiaia era uma programação centrada no esporte e no jornalismo, um desafio naquele tempo.

Belo Horizonte foi surpreendida com a notícia de que uns trapezistas alemães, chamados Zugspitzartisten, iriam esticar dois cabos de aço em plena Praça Sete, coração da cidade: o primeiro entre o 25º andar do Edifício Acaiaca e o 10º do Banco da Lavoura, hoje Banco Real e o segundo cabo entre o terraço do Lavourinha, na esquina de avenida Afonso Pena com rua Tamóios e o alto do prédio da Guanabara, na Afonso Pena com Espírito Santo. Nestes cabos de aço os trapezistas fariam um passeio em cima de uma motocicleta. Detalhe importante: não seria colocada qualquer proteção para o caso de um acidente. A população provinciana da capital mineira da década de 50 se assustou com a audácia dos trapezistas e, nas esquinas, nos bares e nas casas, o assunto era um só: “Aquela loucura deveria ser proibida?” “A colocação de uma rede protetora deveria ser obrigatória?” “As autoridades deveriam impedir que estrangeiros sujasse de sangue a nossa cidade?”

O debate era acalorado e cada um tinha um palpite, uma opinião a dar no caso do passeio de motocicleta dos trapezistas alemães. O diretor da Itatiaia, Januário Carneiro, reuniu sua pequena equipe e disse aos companheiros que pretendia fazer uma cobertura daquele fato tão importante para a população. Muitas foram as sugestões, mas o dono da rádio rejeitou

¹⁰ Depoimento à autora, em 08/04/2003, especialmente para este trabalho.

todas, afirmando que queria algo grandioso e diferente do ponto de vista jornalístico. Aí, deu sua idéia. Januário queria que um jornalista da Itatiaia fizesse o passeio nos cabos de aço junto com os trapezistas. Ele propôs a instalação de uma bicicleta junto ao cabo, para que um repórter acompanhasse tudo ao vivo. A princípio, pode-se pensar que ninguém toparia uma empreitada destas, mas a história não foi bem assim. Januário teve que promover um cara-ou-coroa, pois dois repórteres daquele tempo queriam, a todo custo, participar da cobertura jornalística do ano. José Lino Souza Barros e Waldir Rodrigues disputaram para ver quem faria a reportagem. José Lino ganhou.

Assim, a população de Belo Horizonte, atônita com o passeio dos trapezistas, ficou ainda mais abalada quando soube que aquela pequena rádio, que nem arranhava a audiência das poderosas concorrentes, iria mandar um repórter para acompanhar ao vivo, lá de cima dos cabos de aço, tudo o que estivesse acontecendo. Eram quatro trapezistas, todos alemães: Rudy e Sylvia – que eram casados – e Alex Schock e Zigward Bach. Alex e Rudy caminhavam pelo cabo de aço e um, que saía primeiro, ficava assentado no meio do caminho, naquela altura maluca, sacudindo a perna e esperando o outro que vinha. O outro passava sobre ele e cada um seguia o seu caminho para o outro lado da Afonso Pena. A Sylvia também participava e o Zigward apenas pilotava a motocicleta por uma razão muito simples: por causa de quedas sucessivas ele já não tinha muita habilidade com as pernas.

Depois da definição da cobertura e do repórter, uma equipe – José Lino inclusive – foi ao hotel onde estavam os trapezistas explicar a eles os planos da rádio. O empresário do grupo achou aquele projeto meio esquisito, mas conversou com os outros companheiros, que aceitaram na hora a proposta. José Lino explica como foi esta reportagem¹¹:

A minha sorte foi decidida no cara-ou-coroa e a viagem foi feita na moto. Zigward pilotando a moto, que era barulhenta pra caramba, certamente de propósito, para assustar ainda mais e o Alex Shock na parte de baixo. Na verdade, a moto não cairia nunca. Ela não tinha pneus, mas o povo não sabia disso. O aro da roda rolava pelo cabo de aço e o peso maior ficava na parte de baixo como um “João Teimoso”. Como a moto não dava marcha à ré, ela fazia uma manobra de subida para depois voltar ao ponto de partida. A possibilidade de um tombo seria, provavelmente, se o aro da roda deslizesse pelo cabo numa parada rápida.

Lá do alto do cabo, José Lino abriu uma faixa com a inscrição “RÁDIO ITATIAIA” e foi aplaudido pela multidão que se espremia lá em embaixo. A transmissão feita pelo Januário

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Mídia Sonora**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



Carneiro ainda está arquivada em fita cassete e, apesar da péssima qualidade do som, ainda é possível ouvi-lo falando pausadamente na abertura da transmissão: “Nada há que se compare a esta alucinante arte alemã de bailar em frios e oscilantes cabos de aço a doidas alturas.” Num outro trecho da cobertura, Januário disse:

As bocas só se abrem para dizer: “são uns loucos”. Mas não são propriamente loucos. Acima de tudo, corajosos, sim, a não se aperceber a temer a negra e funda garganta que se abre a seus pés, pronta para tragá-los, ávida por devorá-los contra seu forro de pedra, concreto e asfalto.

Desta forma, José Lino Souza Barros participou desta reportagem, mostrando para uma população estarecida do que um jornalista é capaz. Na realidade, o foco das atenções se deslocou dos Zugspitzartisten para a cobertura da Rádio Itatiaia e, quem nunca tinha ouvido falar na emissora, procurou saber como sintonizar aquela pequena e ousada estação.

2.3 OSVALDO FARIA

Oswaldo Faria nasceu na cidade mineira de Abaeté e morreu num hospital de Paris, na França, em junho de 2000, depois de uma complicação pós-cirúrgica. Apesar de ter atuado em outros setores da Itatiaia, o nome de Oswaldo Faria ficou indelevelmente ligado ao esporte e ao seu codinome mais importante: Coragem para dizer a verdade.

Oswaldo entrou para o rádio por um convite de Hermínio Machado, diretor comercial da emissora. Os dois conversavam, certa vez, no balcão da Ótica Bela Vista, de propriedade de Oswaldo, e o assunto tomou o rumo da música e do nome de Francisco Alves. Oswaldo sugeriu que a Itatiaia fizesse um programa só com músicas do Rei da Voz e Hermínio gostou da idéia. No domingo seguinte, o novo programa foi ao ar, mas Oswaldo fez várias críticas ao amigo Hermínio. Foi convidado, então, a fazer ele mesmo o musical semanal em homenagem a Francisco Alves.

O programa começou e, três semanas depois, Oswaldo teve que substituir um funcionário que faltara ao plantão de esporte. Foi principalmente no futebol que o radialista se tornou conhecido, admirado e, muitas vezes, contestado.

¹¹ Depoimento à autora, em 03/04/2003, especialmente para este trabalho.

O episódio mais famoso de Osvaldo, porém, não é ligado ao noticiário esportivo. O radialista havia criado um programa policial, em que entrevistava presos e dava notícias do mundo do crime. Um dia, resolveu entrevistar Caryl Chesmann, o famoso Bandido da Luz Vermelha, que aguardava sua execução na câmara de gás de San Quentin, nos Estados Unidos. Chesmann era notícia no mundo inteiro, pois escrevera um livro na prisão, contando sua versão dos crimes dos quais era acusado. Osvaldo foi, então, pedir autorização ao diretor Januário Carneiro para a entrevista e a viagem:

“Ó, chefe. Eu quero entrevistar o Chesmann para o programa.” “Tudo bem, Osvaldo”, respondeu Januário, distraído com os papéis que examinava. “Mas é nos Estados Unidos”. Januário levantou os olhos dos documentos espalhados sobre a mesa para encarar o homem que até pouco tempo ganhava a vida vendendo óculos. “Você ficou louco, Osvaldo. Quer ir aos Estados Unidos só para entrevistar um bandido?” “Mas é o Chesmann, chefe, o Bandido da Luz Vermelha.”. (MARTINS e COSTA, 2002:50)

Com a autorização de Januário, Osvaldo vendeu as cotas de patrocínio e embarcou para os Estados Unidos, sem falar uma única palavra em inglês. Na viagem, tudo parecia que ia dar errado. Em pleno vôo, descobriu que a penitenciária de San Quentin ficava em San Francisco e estava indo para Los Angeles. Falando “portunhol” e contando com uma boa dose de sorte, Osvaldo conseguiu encontrar um fotógrafo para lhe servir de intérprete. Mas, como não havia marcado a entrevista antecipadamente, enfrentou mais problemas:

O diretor da penitenciária tentou explicar ao brasileiro que não era permitida a entrada de jornalistas no corredor da morte. Mas teve que enfrentar uma bateria de argumentos, apresentados com a intermediação do intérprete e um vasto repertório de gestos. No meio da confusão, acabou prevalecendo a mentira inventada por Osvaldo, de que tinha uma autorização do governador da Califórnia para a entrevista. (MARTINS e COSTA, 2002:51)

Ainda faltava o consentimento de Caryl Chesmann para a entrevista:

Mesmo passada a hora de visita, o diretor concordou em perguntar ao condenado se aceitava dar a entrevista. Chesmann abriu mão de seu banho de sol e eles foram admitidos na cela 2.455. Não era permitida a entrada de gravadores na penitenciária, mas na confusão armada na portaria ninguém se lembrou de revistar o repórter brasileiro, que tentava se fazer entender com uma gesticulação descontrolada. Osvaldo também não sabia da proibição, e por isso gravou tranqüilamente toda a conversa. (CARVALHO e MARTINS, 1992:88)



Durante a entrevista, Osvaldo teve o cuidado de tirar uma foto de Caryl Chesmann segurando o jornal O Binômio, que fazia grande sucesso em Belo Horizonte. No dia da execução de Chesmann, a população mineira acompanhou estarecida a gravação, ouvindo a voz do bandido que acabara de morrer em San Francisco.

III - RÁDIO FAVELA

3.1 HISTÓRIA E PERSONALIDADES

A Rádio Favela, emissora premiada e reconhecida internacionalmente, não tem um currículo que poderia, a priori, incluí-la numa relação de grandes emissoras: não tem uma sede própria moderna e arrojada; não tem um corpo de funcionários qualificados; não tem ligação financeira com grupos religiosos ou políticos; não tem sua audiência aferida nos relatórios do Ibope. No entanto, nascida na clandestinidade, a Rádio Favela soube se impor num mercado dominado pelas grandes emissoras comerciais, venceu os preconceitos e virou até tema de um filme.

A Rádio Favela foi fundada em 1979 e funciona num barracão na favela do Cafezal, no alto do bairro da Serra, em Belo Horizonte. Surgiu, segundo seus idealizadores, com o objetivo de reduzir a violência na região da Vila Fátima, no conglomerado de 11 favelas, local onde está instalada. Quando a rádio começou a funcionar, como emissora pirata, ali ainda não havia luz e os transmissores eram movidos a bateria de caminhão. A Rádio Favela tem publicidade de entidades privadas, do comércio em geral e até de órgãos oficiais e participa intensamente da vida da comunidade onde está inserida. Em mais de 20 anos de existência, a rádio foi fechada várias vezes pela polícia mas sempre esteve no ar, conquistando o apoio da gente do morro e a simpatia de outros setores da sociedade. Um dos fundadores da rádio, Nerimar Wanderley Teixeira, explica como a programação apóia os moradores da favela:

Um dia chegou aqui um senhor que tinha um problema nos dentes e estava sofrendo muito, pois não conseguia atendimento médico. Anunciamos na rádio que, se houvesse algum dentista nos escutando, trocaríamos o tratamento do Seu José por três meses de propaganda gratuita com o nome e o telefone da clínica na rádio. Na mesma hora o telefone tocou. (WAINER, 1998:5-1)



A atuação da rádio junto à comunidade já lhe rendeu vários prêmios e o reconhecimento internacional. Em fevereiro de 99, a Rádio Favela foi tema de capa do Wall Street Journal, com um longo artigo sobre o trabalho educativo realizado pela emissora. Em 98, foi a única rádio brasileira convidada para o 7º Congresso Mundial de Rádios Comunitárias, realizado em Milão, Itália. Nesse encontro, foi premiada por possuir o melhor programa de rádio alternativo entre todas as rádios comunitárias do mundo. Por duas vezes recebeu o Prêmio Dia Mundial Sem Drogas da ONU por seu trabalho de prevenção ao tráfico. Depois de viver por cerca de 20 anos na clandestinidade e enfrentar as constantes batidas policiais, em fevereiro de 2000 a Rádio Favela foi autorizada pelo Ministério das Comunicações a operar como emissora educativa. O diretor e um dos fundadores da Rádio Favela, Misael Avelino dos Santos diz¹²:

A rádio Favela é a Internet do favelado, é a estação mais revolucionária do mundo. Nossos programas recebem, ao vivo, mais de 500 telefonemas diários. A maioria é de moradores do morro que usam a estação para falar com a família. Pregamos a auto-estima e a consciência política.

A programação da emissora começa, invariavelmente, com o bordão “Você está na Favela” e inclui música, prestação de serviço e jornalismo. Um dos destaques é o programa Bolero do Lero Lero, transmitido na hora da A Voz do Brasil.

3.2 MISAEL AVELINO DOS SANTOS

Misael Avelino dos Santos é, sem dúvida, a grande estrela da Rádio Favela. Aos 43 anos, dono de uma linguagem forte e rude, Misael faz parte do grupo que criou a emissora e hoje é o presidente da Fundação Educativa Cultural Comunitária de Belo Horizonte, a Rádio Favela. Numa entrevista a um grupo de estudantes da Universidade Federal de Juiz de Fora¹³, Misael falou sobre a Rádio Favela, desde os primeiros tempos até a transformação em emissora educativa. Perguntado sobre quando percebeu a importância da emissora, o radialista respondeu:

¹² Entrevista publicada na revista ISTOÉ, 28 de outubro de 1998.

¹³ <<http://www.escoladecidadania.ufjf.br/voz_ativa.htm>>. Data de acesso: 22/04/2003.



Ah! Quando os homens me prenderam pela terceira vez. Aí eu vi que era importante, quando o cara falou 'você tá começando sua vida agora, só tem 19 ano e já está dando problema até lá em Brasília.' Que lado fica Brasília? Lado baixo de Belo Horizonte? E eu não imaginava, eu nunca tinha ido a Brasília e ele falou que eu estava causando interferência nos avião. Aí falei, sinal? Essa porra (desculpe a expressão) vale alguma coisa. Aí nós resolvemos falar que esse negócio tem valor e decidimos fazer. Os caras tomaram três vezes, quebraram. E continuamos. Eles puxavam de lá e a gente salvava de cá.

Misael explica também que hoje a Rádio Favela é um modelo mundial de rádio:

A rádio fica de porta aberta. Todo mundo vem e fala o que quer, discute o que quer. Por ela atender a todo mundo é que pipocou uma porção de rádio, querendo fazer igual. Porque as pessoas vêm, gostam tanto que querem fazer. Ela virou modelo mundial de rádio. Amanhã, eu estou indo lá para os Estados Unidos, discutir um congresso de rádio com os caras.

Apesar de não manter contrato com o Ibope para aferição de sua audiência, em Belo Horizonte é incontestável o sucesso da Rádio Favela. Misael explica:

Ela tem uma audiência que tira o sono de muitos donos de rádio profissional. Os caras fazem força para manter uma rádio no pique, com o número de ouvinte muito alto. Aqui é o contrário. A gente não faz força para ter ouvinte, são os ouvintes que fazem força para manter a rádio. É diferente. Ninguém faz rádio. As pessoas balangam o beijo e quem ouve manda.

Misael fala com saudade dos tempos em que a Rádio Favela não tinha concessão estatal e se queixa dos problemas enfrentados com a legalidade da emissora:

Porque você tem um pedaço de papel e aí você tem de seguir umas regras que os caras põem. Te enquadram num lugar. Por exemplo, quando a rádio não tinha concessão, respeitavam a gente. As pessoas sabiam que a gente ia para cima mesmo. Agora com a concessão você tem que ficar medindo palavra, tem que ir em reunião que não vale nada tem que ouvir 'ah, você é da Rádio Favela, você tem concessão'. O que acontece com isso ? Isso não traz resultado só traz cansaça, conta para pagar, certo! Não pode ficar falando mais como a gente falava. Aí, eles dizem: "Agora vocês são uma rádio que tem autorização. Vocês não podem falar isso." Fui criado sem cerca. Eu detesto cerca e chave. Mas sofremos uma pressão muito grande porque os caras colocam comercial na rádio. Essa é a primeira prefeitura do país a investir em uma rádio pirata. Mas antes da prefeitura investir, o governo do PSDB é que investia primeiro. Eles mandava prender e mandava colocar. Tomava de uma lado e a gente comprava com o dinheiro deles os equipamentos que eles mesmos tomavam. Fica essa controvérsia . Mas a minha opinião eles não conseguem comprar porque não estamos à venda. A rádio tem um papel muito grande. Então, é meio complicado esse negócio de querer rádio no papel.

Falando da importância da rádio, Misael destaca que a emissora abriu as portas da favela para a população em geral, já que antes ninguém colocava os pés lá:



A importância dessa rádio para essas pessoas? Vou te falar a coisa mais simples que as pessoas que vem aqui não têm noção. Só de vocês estarem vindo aqui é a coisa mais importante. Aqui não vinha ninguém. Aqui só vinha helicóptero, cachorro, cavalo e a polícia para bater nos outros. Só isso que vinha. Mais ninguém passava ali do final do asfalto para cá, porque todo mundo era bicho. Nós conseguimos reverter essa situação, apanhando, confrontando e tal. Agora todo mundo vem. Porque todo mundo aqui é gente. Mas antes não vinha.

3.3 UMA ONDA NO AR

O filme *Uma Onda no Ar*¹⁴ começa mostrando vários policiais subindo as ruas estreitas de uma favela. Estão em busca da sede da Rádio Favela para, mais uma vez, lacrar seus transmissores. Enquanto os policiais sobem o morro, a rádio pirata orienta os moradores para se protegerem em suas casas, porque os traficantes da região estão em guerra. O líder da emissora é preso e, na cadeia, conta sua história aos outros presos. O filme volta no tempo. No alto do morro, quatro jovens amigos sonham criar uma rádio que seja a voz da favela a gritar para o mundo. O diretor de *Uma Onda no Ar*, Helvécio Ratton, fala como nasceu o filme¹⁵:

Uma Onda no Ar se inspira na história da Rádio Favela. A rádio foi criada nos anos 80 por jovens negros em uma grande favela de Belo Horizonte. Reprimida por 20 anos, conquistou audiência no morro e no asfalto, e acabou transformando-se em rádio educativa. Uma história de gente do povo que enfrentou e venceu o preconceito e a repressão. Decidi levar essa história ao cinema e tomei algumas decisões estéticas (e éticas) em relação ao filme que eu queria fazer. Minha intenção era fazer um filme popular, com uma linguagem aberta a todos, principalmente aos jovens. Por isso mesmo, insistimos junto ao Ministério da Justiça para que a censura do filme fosse 14 anos e pudesse ser visto pelos jovens. Busquei criar uma atmosfera crua de realidade, quase documental, que fizesse o espectador se sentir na favela. Não é a toa que a primeira coisa que se ouve no filme é uma vinheta da rádio que diz “você está na favela”.

O filme recebeu vários prêmios: 5º Festival do Cinema Brasileiro de Paris: Prêmio de Público; Miami International Film Festival: Prêmio Especial do Júri; 30º Festival de Cinema de Gramado: Prêmio de melhor ator para Alexandre Moreno e Prêmio especial do júri; Prêmio da Organização Católica Internacional de Cinema pela Qualidade e Criatividade no Uso da Linguagem Cinematográfica e por promover a Cultura da Vida, Valores Cristãos, Direitos Humanos, Cultura da Paz e Desenvolvimento Humano; Margarida de Prata - 2002/CNBB: Menção Honrosa.

¹⁴ Dados do site: <<<http://www.umaondanoar.com.br>>>. Acesso em 15/04/2003.

¹⁵ Texto publicado no site: <<<http://www.rbc.org.br/cinema.htm>>>. Acesso em 15/04/2003.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Djalma Alves. A imprensa do Brasil nasceu em Minas Gerais. Belo Horizonte: Armazém de Idéias, 2000.
- CARVALHO, André e MARTINS, Kao. Habla, Señor. Um homem chamado Januário. Belo Horizonte: Armazém de Idéias, 1992.
- DOLABELA, Marcelo. Breve história da música de Belo Horizonte. Mimeo. Coleção Minimemória. Parte I.
- Jornal Minas Gerais, 26/02/1926, pág. 08.
- MARTINS, Fábio. Senhores ouvintes, no ar... A Cidade e o Rádio. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 1999.
- MARTINS, Kao e COSTA, Eduardo. Uma paixão chamada Itatiaia: 50 anos de história. Belo Horizonte: Editora Tamóios, 2002.
- ORTRIWANO, Gisela Swetlana. A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.
- PINTO JÚNIOR, Arnaldo Gomes e SALLES, Aurélio Henrique. A liderança da Rádio Itatiaia em Belo Horizonte. Mimeo. Monografia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Belo Horizonte, 1993.
- PRATES, Hermínio. O Rádio Mineiro. Jornal Minas Gerais. Nº XVII, 12/01/1988, pág. 11.
- Revista ISTOÉ, 28 de outubro de 1998.
- SIQUEIRA, Wanir Terezinha Campelo Araújo. Das ondas do rádio à tela da TV- o som e a imagem na cidade das alterosas (1900-1950). Mimeo. Dissertação de Mestrado. Universidade São Marcos, 2001.
- WAINER, João. Rádio Favela FM sai dos barracos para mundo. Jornal Folha de S. Paulo, 23/07/1998, pág. 5-1.

Referências eletrônicas

- <<http://www.escoladecidadania.ufjf.br/voz_ativa.htm>> Data de acesso: 22/04/2003
- <<<http://www.rbc.org.br/cinema.htm>>> Data de acesso: 15/04/2003.
- <<<http://www.umaondanoar.com.br>>> Data de acesso: 15/04/2003.

Agradecimentos: Élzio Costa, Hamilton Gangana, José Lino Souza Barros, Paul Joel Albergaria e o Studio HP, Ricardo Parreiras, Roberto Duarte, Rubem Dornas, Tino Gomes, Wanir Campelo.